



## Sistema de saúde e *cracias*

Recentemente, durante um *workshop* que decorreu em Maastricht organizado pelo coordenador de um projecto europeu, Ole Berg, da Universidade de Oslo, avançou a expressão e o conceito de *medicracia*, significando a influência e o poder dos médicos, decisivos em gestão de cuidados de saúde; um sistema construído na premissa da autodeterminação médica e autonomia clínica de tipo hipocrático.

A esta *medicracia* eu chamaria, preferencialmente, *iatrocracia*, por uma questão de estilo e de elegância literária.

Optando por uma ou outra designação para a mesma ideia, esta parece pertinente e facilmente aceitável por todos os que, movimentando-se no campo da política e administração de saúde, optam pela lucidez pragmática de não escamotear a realidade.

O poder médico, exercido através da prescrição (escolha livre e decisão sobre meios de diagnóstico e sobre iniciativas para tratamento e reabilitação), continua a ser uma realidade que se impõe, apesar das ideias de custo-oportunidade, protocolos médicos, racionamento de cuidados, eficiência como estandarte e outras ameaças à autonomia clínica. Esta representa, entretanto, um valor a considerar com muita cautela.

Em época tão conturbada e na turbulência dos sistemas de prestações sociais, incluindo as de saúde, plena de interrogações, incertezas e hesitações, a *iatrocracia* seria, ainda, o mal menor.

A *iatrocracia*, ou *medicracia*, seria comum a todos os sistemas de saúde.

Muitas outras *cracias* (do grego *krátos*) podem ser identificadas nos sistemas de cuidados de saúde, significando orientação determinante, poder, corrente de opção política muito influente.

Não representará grande esforço intelectual reconhecer, por exemplo, sistemas altamente influenciados e caracterizados por opções dominantes de *autocracia* e *burocracia*.

Também nos são familiares os casos guiados pelas abordagens da *tecnocracia*.

Mas há que não esquecer as correntes da moda, como a *reformocracia*, a *splitocracia* (inspirada no *purchaser provider split*) e outras.

Lembremos, ainda, a *hillarycracia* (EUA), que Deus haja, a qual de hilariante não teve nada, mas de frustrante teve muito. Acabou, como nos recordamos, por prevalecer a *capitolcracia*, ou seja, o poder dos famosos *lobbies* da colina do Capitólio.

Entre nós, portugueses, para sermos originais, poderíamos identificar a *lusocracia*, ou seja, um sistema altamente influenciado pela *estruturocracia* — com um gosto enorme pela orgânica hierarquizada, os quadros de pessoal, as carreiras e as regulamentações — de parceria com a *legiscracia* e um toque de *burocracia*, isto é, um sistema de saúde muito preocupado com as estruturas, com a produção de leis e decretos, acolitados pelo pecado venial da persistente cultura napoleónica, que não dispensa a burocracia (*bureau + cracia*).

Aturdidos por tantos e tão diversos modelos de *cracias* para os nossos sistemas de saúde, talvez andemos distraídos e não consigamos realizar que o autêntico e verdadeiramente meritório modelo determinante dos sistemas deveria ser o identificado por *homocracia* ou *democracia*, isto é, o modelo centrado no homem, na pessoa e no conjunto das pessoas, nas suas necessidades, nas suas sensibilidades e no seu estado de saúde.

↑  
Lealdade 21/11/84